RACHEL BALKOVEC INTERVIEW

Introduction

Benedita Pereira and Joana Prates, representing Coffee Time News and the Chicago Institute of Studies, interviewed Rachel Balkovec, who is well-known in the world of baseball for being the first woman to be a full-time head coach of a men’s minor league baseball team. We would like to thank Ms. Balkovec for taking the time from her demanding schedule to meet with us and share her thoughts. Thank you to Tomás Barejo for his work translating the interview.

Benedita Pereira e Joana Prates, representantes do Coffee Time News e o Instituto de Estudos Chicago, entrevistaram Rachel Balkovec, que é bem conhecido no mundo do basebol por ser a primeira mulher treinador a tempo inteiro num clube profissional masculino. Nós gostaríamos de agradecer à Senhora Balkovec o tempo desprendido que passou connosco a partilhar as suas ideias. Um agradecimento para o Tomás Barejo pelo na ajuda com a tradução.

BENEDITA: How would you describe Rachel Balkovec at fifteen years old? What kind of student, friend and person was she?

RACHEL BALKOVEC: Good question, that is a really good question I don’t get asked a lot. I think it’s really important to what I’m doing now. I appreciate you asking it. When I was fifteen, I was extremely competitive. I played softball and I thought that I would play in the Olympics. I was practicing every day. I was training in the weight room. I was really intense in school. Most of my free time, I spent in softball and being a better athlete. So, I’m glad you asked that question. The perception is, “Wow, this is so surprising that a woman would be hired”, but none of my teammates are surprised. They are probably like, “Wow, that makes sense,” because I was always intense, because I was so intense and hardworking… the first one there and the last one to leave. So, I was probably a good teammate, but I don’t if I was a good friend. I was so intense and I was always pushing my friends to be better, so none of my peers, classmates and teammates are surprised that I’m doing what I’m doing now. So, I was a pretty intense young woman.

BENEDITA: Como se pode descrever quando tinha quinze anos? Que tipo de aluna, amiga e pessoa você era?

RACHEL BALKOVEC: Boa pergunta. Isto é mesmo uma boa pergunta e não é me perguntado muitas vezes. Eu acho que é bastante importante para o que faço agora. Eu fico grato pela pergunta. Quando eu tinha 15, eu era extremamente competitiva. Eu jogava softball e eu penso que naquela que eu iria jogar nos jogos Olímpicos. Eu praticava todos os dias, eu treinava no ginásio. Eu era mesmo uma rapariga focado na escola. A maior parte do meu tempo livre, eu gastei no softball e a tornar-me mesmo melhor atleta. Então eu estou agradecida por me fazeres essa pergunta. A perceção é, “Uau, surpreendente que uma mulher ser contratada,” mas nenhum dos meus companheiros estão surpresos. Eles provavelmente pensaram, “Isto faz sentido,” porque eu era muito focado e trabalhadora. Eu era sempre a primeira a chegar e a última a sair. Eu era provavelmente uma boa colega, eu não sei se eu era uma boa amiga. Eu era tão focado que eu sempre tentei puxar os meus amigos para a frente. Então nenhum dos meus colegas e amigos ficaram surpreendidos por o que faço agora. Então eu era uma rapariga bastante ocupada.

BENEDITA: Going back to your school days, is there a special teacher or mentor you would like to thank from your school days. What did that person do that was special?

RACHEL BALKOVEC: My high school coach … I’m still in touch with him. He was a teacher at the high school. He was also my softball coach and the thing that I think was… he let be who I was. So, most of the time, women are told to be quiet, be small, don’t speak up, know your place and especially you have to think that it was fifteen years ago, so now it is different. I was an intense athlete and he gave me leadership responsibilities on the team and kind of helped me develop into a leader as opposed to telling me to be quiet. He wanted me to take control of the team and command the game. So, I think he made a good impact on me and he is definitely a person I still ask questions to. The guy’s name was Keith.

BENEDITA: Voltando aos seus dias de escola, há algum professor ou mentor especial a quem queria agradecer? O que essa pessoa fez de especial para si?

RACHEL BALKOVEC: Meu treinador da escola secundária. Ele era professor na escola secundária e também o treinador de softball. A coisa que eu considero mais importante ele deixava-me ser o que eu era. Na maioria do tempo alguém diz para as mulheres para estar calado, ser pequenas, não dar opinião, saber o teu lugar, e especialmente temos que ter em conta que isto for há 15 anos atrás. Agora é um bocado diferente. Eu era uma atleta focada e ele deu-me a responsabilidade de lidar da equipa e ajudou-me a tornar-me uma líder em vez me mandar calar. Ele queria que eu falasse mais alto e que tomasse controlo do jogo. Eu acho que ele teve o maior impacto em mim naquela altura. Hoje em dia ainda converso com ele e é definitivamente uma pessoa a quem eu posso pedir conselhos. O nome dele era Keith.

BENEDITA: What is the most important thing girls at our age can do to ensure future success and happiness?

RACHEL BALKOVEC: The one thing I would say, and this is kind of cliché, but I think young girls still need to speak up. If you were to walk into a room full of men, sit at the front, you know, challenge yourself, because I still feel there are some days where I still feel uncomfortable… take a deep breath and I kind of pretend…

There’s an author, Amy Cuddy, that has a book called *Presence*, so how to have presence and she says, and I love it, “fake it until you become it”, basically fake like you’re confident until that becomes natural to you. So, make sure to hold your head high, speak up, sit in the front, raise your hand and give your opinion and those are things your practice when you’re young and they turn into really valuable skills when you’re in college, getting your first job and negotiating a contract and working in a male-dominated industry and I was practicing all of that probably when I was ten, you know.

BENEDITA: Qual a coisa mais importante que meninas da nossa idade precisam de fazer para obter e garantir felicidade e sucesso no futuro?

RACHEL BALKOVEC: Uma coisa que eu diria, é que isto é um bocado cliché, mas eu acho que as meninas jovens ainda precisam de o ouvir, fala, não tenhas medo de falar. Se tu entrares numa sala cheia de homens, sentares-te à frente, desafia-te, porque alguns dias ainda me sinto desconfortável… inspiro profundamente, finjo e começo a visualizar o momento. Existe uma escritora, Amy Cuddy, que tem um livro titulado “Presence*”*, então como ter presença e ela diz, eu adoro, que é finge até te tornares alguém, basicamente finges que tem confiança até isso se tornar natural para ti. Tem a certeza que manténs a cabeça erguida, fala sem medo, sente-te na frente, levanta a tua mão e dá a tua opinião e estas coisas você pratica quando é jovem e eles tornaram-se habilidades realmente valiosas onde tu estás na universidade, teres o teu primeiro emprego e negociar um contrato e trabalhar numa indústria dominada pelos homens e eu praticava isto quase todos os dias.

JOANA PRATES: In Portugal, we don’t see too many girls taking part in team sports. How much do you think this hurts a girl’s development?

RACHEL BALKOVEC: Wow, that’s a really heavy question. That makes me really sad. I got the chills. I think every day about how fortunate I am to grow up in the United States and you just reminded me of that and there’s a lot of problems with the USA, but I feel really grateful. I think it was one of the most important things in my entire life that I participated in sports, because it gave me confidence. Those things that I said I was practicing when I was young, I got to practice being leader and speaking up because I was on a team and I was a catcher, so I was the person behind home plate. I know you guys are learning about baseball, so I had to yell to the whole team and really be a leader and that’s how I learned how to speak up and be strong and be confident was through sports, so I think it’s actually… I feel sad about that. I wish there were more opportunities for girls in sports in Portugal and really worldwide. I think it’s wildly important. It’s definitely shaped who I am today.

JOANA PRATES: Em Portugal, nós não vemos muitas meninas que praticam desportos de equipa. O quanto acha que isso prejudica o desenvolvimento de uma menina?

RACHEL BALKOVEC: Uau, é uma questão bastante pesada. Isto faz-me bastante triste. Eu tive arrepio. Eu penso todos os dias sobre como tão sortuda eu sou por crescer nos Estados Unidos e tu apenas lembras a isso e eu sei existe muitos problemas com os Estados Unidos, mas eu sinto muito agradecida e eu penso que é uns estas coisas mais importantes na minha vida que eu participei nos desportes porque isso deu me confiança. Eu consegui participar sendo a líder e falando alto porque eu era o *catcher*, então eu era a pessoa atrás de *home plate*. Eu sei que vocês aprenderam sobre beisebol então eu dei todos os comandos para toda a equipa e era realmente um capitão e isso faz-me aprender a falar alto e a ser forte e a ser confiante através de desporto, então eu penso que atualmente eu sinto me triste sobre isso. Eu desejava que era mais oportunidades para as meninas em desportos e em Portugal e realmente à volta do mundo. Eu acho é muito importante. Isso definitivamente formou quem eu sou hoje.

JOANA PRATES: When you look at men and boys in a team environment and women and girls in a team environment, what are the biggest differences about how the different genders approach team sports?

RACHEL BALKOVEC: I definitely would say there are pros and cons to working with men and one of the pros is that you can speak really direct to them; I don’t need to sugar-coat anything. If something is going wrong, I can be very direct, but also there is definitely more ego involved and one of my super powers as a woman is they don’t necessarily feel like they have to compete with me, so they are not really combatting my ego because I’m a woman and they know we don’t compete, but they’re competing with each other which can be good as it creates a better training environment, better practices, but some let their egos get in the way and they don’t want to participate. I think guys inherently have bigger egos and want to compete more with each other in a negative way. But I do really appreciate that I can speak really directly to them and they take whatever I say. They can take feedback very well.

JOANA PRATES: Quando você vê homens e rapazes em desportos de equipa e mulheres e meninas, quais são as maiores diferenças entre os géneros na forma de abordar desportos de equipa?

RACHEL BALKOVEC: Eu definitivamente posso dizer os prós e contras de trabalhar com homens e um dos prós é que tu consegues ser direta com eles. Tu não precisas enfeitar nada se alguma coisa corre mal. Consegues ser muito direta, mas também e definitivamente ego envolvido e um dos meus superpoderes como mulher é eles não necessariamente sentir em que estão a combater comigo, pois eles não combatem como meu ego porque eu sou uma mulher e eles sabem que nós não competimos. Necessário, mas eles competem contra cada um para ver quem é o melhor e cria um melhor ambiente em treino e melhores praticas, mas as vezes os egos obstruídos e isso as vezes isso faz desistir. Eu penso que homens que tem um grande ego nascem com isso e têm egos maiores e competem uns com os outros de uma forma negativa. Mas eu realmente aprecio conseguir falar diretamente com eles e eles aceitarem o que eu digo. Eles aceitam bem o meu feedback.

JOANA PRATES: My final question is about your passion for weightlifting.  How much of your job is mental and how much of it is physical?  How much of weightlifting is your personal passion and how much of it is because your job expects you maintain a super hero's build.

RACHEL BALKOVEC: My job is definitely physically difficult, but it’s all mental. I definitely have to be able to do things… lifting heavy things and moving things around and working with the players, but it’s all mental and it’s building relationships, really that is what it comes down to, so I would say that’s mental. How much my weightlifting is because it is my job and how much is it because I want to keep my superhero build… I would say it’s really neither. I technically don’t have to lift weights for my job. There are plenty of coaches who don’t lift weights and are fine. It’s also not to really keep my superhero build. It’s really because I think it makes me feel powerful, so for me that’s not physical, that’s mental and makes me feel very capable, especially as a woman. You know, there are many women who can’t lift as much weight as me. It’s not a competition, but I feel more powerful than the average woman. I tell everyone that will listen that I highly recommend participating in some weightlifting and I promise you it will change how other people view you. You will become more confident through knowing that you can do difficult things.

JOANA PRATES: Minha última pergunta é sobre sua paixão pelo levantamento de peso. Quanto do seu trabalho é mental e quanto é físico? Quanto o levantamento de peso é sua paixão pessoal e quanto disso é seu trabalho à espera de que você mantenha a construção de uma super heroína?

RACHEL BALKOVEC: O meu trabalho é fisicamente difícil, mas também é totalmente mental. Eu definitivamente tenho que ser capaz de fazer coisas … levantar coisas pesadas, mover coisas lá para cá e de trabalhar com os jogadores, mas é totalmente mental e também criar relações, realmente o que é importante é criar relações. Por isso eu digo que é totalmente mental. A atividade de levantar pesos não tem nada a ver com o meu trabalho, é por causa que eu quero manter o meu corpo de superheroína. Eu tecnicamente não preciso de levantar pesos por causa do meu trabalho. Existe muitos treinadores que não levantam pesos e estão bem. Também não é apenas parecer-me como um superheroína, é sim porque eu acho que me faz mais poderosa. Portanto para mim não é físico, é mental e faz me sentir muito capaz e especialmente como mulher. Não é uma competição, mas eu sinto-me mais poderosa do que a maioria das mulheres. Eu digo a toda a gente que me ouve e recomendo a participarem em algum tipo de atividade de levantar peso e eu prometo irá mudar a maneira que a visão que as outras pessoas têm de nós. Vai tornar-te mais confidente por saber que consegues fazer coisas difíceis.

BENEDITA: I have researched baseball and I see lots of international players.  Do you frequently have to deal with language barriers?  How do you communicate with players who simply don't speak good English?  Do you have any funny stories about language barriers which you would like to share?

RACHEL BALKOVEC: Oh gosh! You girls! I am so happy for you girls, because I can relate to what you are doing, because I never actually spoke Spanish before I got into baseball and I had to learn how to speak Spanish.

So I commend you for doing this and I think it’s amazing that you are learning English, because I know it is really hard. I absolutely have to deal with the language barrier every day; however, I learned how to speak Spanish in the first two years of my career. I’m still learning and I’m still getting better, but in the first two years, it really took me to really learn how to speak with the players, and now, I just had a meeting with a player for an hour all in Spanish, and I can do it. That’s ten years of work.

What you are doing is so hard, and I understand, so you don’t have to be embarrassed. I have so many funny stories. I have one; it’s kind of gross, but it’s funny. In hitting, we talk about loading your hips. Basically, that means using your legs to generate power, and we use the word load, as like bending your hips, and the word for load in Spanish is “cargar”, and also the word in Spanish for taking a poop or going to the bathroom is “cagar”, so the words are almost exactly the same. So, I was giving a presentation on loading their hips and I wasn’t pronouncing it correctly and they all started laughing and laughing, and then I was like, “What am I saying? What’s wrong?”, and they told me, and I was just so embarrassed. I’m getting red just thinking about it, because I was talking about going to the bathroom and I was trying to talk about the swing, but I have many stories like that. I have to be willing to be embarrassed, because that’s the beginning of any learning stage. If you’re learning something new, there’s going to be a time when you feel embarrassed doing it, because it’s new. It took a long time. Ultimately, it’s always good to learn something new and let people help you. It’s a really good learning experience.

BENEDITA: Eu tenho pesquisado beisebol e eu vejo muitos jogadores internacionais. Tem que lidar com barreiras linguísticos frequentemente? Como é que comunico com jogadores que não conseguem falar inglês? Têm algumas histórias sobre barreiras linguísticas que gostaria de partilhar?

RACHEL BALKOVEC: Meu Deus! Vocês meninas… Eu estou tao feliz para vocês porque eu consigo relacionar com o que vocês fazem, porque eu nunca falei espanhol antes de eu começar a minha carreira em beisebol e eu teve que aprender como falar espanhol, então eu elogio-vos por fazerem isto. Eu acho é maravilhoso que vocês estão a aprender inglês, porque eu sei é bastante difícil. Eu absolutamente tenho que lidar com a barragem das línguas todos os dias. Contudo, eu aprendei como falar espanhol nos primeiros dois anos da minha carreira. Eu ainda estou a aprender e melhorar, mas os primeiros dois anos, eu tive dificuldades em falar com os jogadores e agora eu já acabei uma reunião com um jogador que durou uma hora e foi toda em espanhol e eu consigo fazê-lo, então isso leva dez anos de trabalho. O que vocês estão a fazer e tão difícil e eu percebo, então você não precisa de ter vergonha. Meu deus, eu tenho tantas histórias engraçadas. Tudo bem, eu tenho uma história engraçada, mas um pouco nojenta, mas é engraçada. Em bater a bola, nos falamos sobre “carregar as nossas ancas”. Basicamente, isto quer dizer usar as tuas pernas para genrear poder… criar poder e nos usamos a palavra “carregar”… carregar é como dobrar as suas ancas e a palavra em espanhol para carregar em espanhol é “cargar” e também a palavra em espanhol para fazer cocó é “cagar” e eu não estava a pronunciar a palavra bem e todos começaram a rir e rir, e eu estava a pensar, “O que é eu disse? Qual é o problema?”, e eles disseram-me e estava tão envergonhada. Eu estou a corar simplesmente a pensar sobre isto, porque eu estou a falar sobre ir a casa do banho e eu estava a tentar falar sobre bater a bola. Eu tenho muitas histórias como esta. Eu tenho que aceitar ser enverrugando porque, isto é, o início de qualquer fase de aprendizagem. Se tu estás a aprender alguma coisa nova, haverá um tempo que vocês sentir envergonhada a fazê-lo, porque é novo. Ultimamente, é sempre bom aprender algo novo e deixar outros ajudam você. É realmente uma boa experiência de aprendizagem.

BENEDITA: I imagine you travel a lot. Do you get outside of the USA much? What has been your favorite destination so far? What have you learned from your travels?

RACHEL BALKOVEC: I travel so much and some of it is for work, but a lot of it is because I am a world traveler. I have been all over the world. I have been to Australia. I have been to Southeast Asia. I have been to New Zealand and I have also been to Europe, so I actually lived in Amsterdam for a full year, and while I was there, I visited everywhere, but Portugal. I visited France, Belgium, Italy, Slovenia, Croatia and Germany, so I visited a lot of countries and the most important thing from my travels is getting out of my comfort zone, so I like to travel to countries where they don’t speak English, because it’s really uncomfortable and you need to rely on strangers for help, and you have to ask questions, and you get lost, and it’s a great learning experience to feel uncomfortable and I try to do that at least once a year, or once every two years. I try to take a trip to a faraway place and make sure I am seeing other cultures, and being exposed to other ways of living. The biggest moments of my life have been of self-discovery and being through difficult situations and uncomfortable situations. I have to choose to grow in other ways and for me, travel is one of the best ways to do that.

BENEDITA: Eu imagino viaja muito. Você viaja fora dos EUA muito? Qual foi o seu destino preferido até agora? O que é que você aprendeu nas suas viagens?

RACHEL BALKOVEC: Eu viajo tanto e as vezes é por cause a trabalho, mas muito é porque eu sou um viajante do mundo. Eu já viajei pelo mundo todo. Eu já foi para Austrália. Eu já foi para o Sudeste Asiático. Eu já foi para Nova Zelândia e também já foi á Europa, alias eu viveu em Amsterdão para um ano inteiro e enquanto eu estava lá, eu visitou todas os países exceto Portugal. Eu visitou França, Bélgica, Itália, Eslovénia, Croácia, Alemanha, então eu visitei muitos países e a coisa mais importante das minhas viagens é fica fora da minha zona do conforto, então eu gosto de viajar para países onde eles não falam inglês, porque é realmente muito desconfortável e você tem que depender em pessoas desconhecidas para ajuda e você têm que fazer perguntas e você fica perdido e é um experiência de aprendizagem ótima quando te sentes desconfortável e tento fazer isto pelo menos uma vez por ano ou uma vez em dois anos. Eu tento fazer uma viagem para um lugar distante e certifico-me que estou a ver outras culturas e ser exposto a outras formas de viver. Os momentos maiores da minha vida forem de autodescoberto e ultrapassar situações difícil e situações desconfortáveis. Eu tenho que escolher crescer em maneira diferentes e para mim viajar é uma das melhores formas para o fazer.

BENEDITA: How did you get through the toughest times in your life

RACHEL BALKOVEC: Part of it is discipline and a part of it is just saying, “I said I was going to do this, so I am going to do it,” and that gets you through some tough things, but even when discipline goes away, or you are like, “I said I was going to do this, but it is so horrible I don’t want to do it anymore,” then you have to think about your purpose and every time I would think about quitting, and I thought about quitting so many times, not recently, but early in my career things were very difficult, and every time I would just come back to my purpose, and my purpose is to change the world; it is not to make a swing better, or get somebody better at baseball, it’s to change the world. So, if I want to change the world, for me specifically, it’s looking at young women, which is why I take these video calls and podcasts and interviews, so that I can speak to people like you in Portugal, but my purpose is to empower the future generations of women who want to work in sports, and who are interested in jobs like that. And so, if that’s my purpose, then I have to do it. I don’t have a choice. It’s no longer a choice of mine; it’s my job.

BENEDITA: Como é que superou os tempos mais difíceis da sua vida?

RACHEL BALKOVEC: Um parte foi disciplina e uma parte disse é dizer , “Eu disse que iria fazer isto, então eu vou fazê-lo”, e isso ajuda-te a superar alguns tempos difíceis, mas mesmo quando a disciplina desaparece, ou quando penso, “Eu disse iria fazer isto, mas é tão horrível que eu não o quero fazer mais”, depois tu tens de pensar no teu objetivo todas as vezes em que eu queria desistir, e eu pensei em desistir muitas vezes, não recentemente, mas nos primeiros anos da minha carreira as coisas eram difíceis, e todas as vezes eu acabaria por voltar ao meu propósito, que é para mudar o mundo; não é para fazer um batimento melhor, ou fazer alguém melhor no beisebol. Então, se eu quero mudar o mundo, para mim especificamente, é olhar para mulheres jovens, por isso é que eu participo nestas chamadas de vídeo e podcasts e entrevistas, para eu falar com pessoas como vocês em Portugal, mas o meu objetivo é dar poder ás gerações futuras de mulheres que querem trabalhar na área dos desportos, ou que estão interessados nesse tipo de trabalhos. Então, se esse é o meu objetivo, então eu tenho que o fazer. Eu não tenho uma escolha; é o meu trabalho.

BENEDITA: When you encounter sexist behavior, how do you respond to it?

RACHEL BALKOVEC: The first way to prevent that is to not welcome it, so I walk into the room and I am looking people in the eye, and when I speak, I speak confidently. You ladies don’t know this, but let’s just say you are going to a bar. If you are a woman and you are walking fast and looking straight ahead and you aren’t making eye contact… if you don’t look like a victim, then you are less likely to become a victim. So basically, if when men look at me, they’re not comfortable hitting on me… I don’t carry myself like that around them. With the players, I’m very straightforward and very about my business, and I have had one problem in ten years that I really can remember having a true issue beyond somebody saying a small thing or whatever, and usually even if someone says something to me; it’s a player from another team, not the players I work with directly, because they have too much respect for me, because I present myself with confidence. If someone says something to me, I say right back, “Don’t talk to me like that.” I give them a boundary right away. I create a boundary.

BENEDITA: Quando você encontra comportamento sexista, como você responder isso?

RACHEL BALKOVEC: A primeira maneira para prevenir isso é não aceita isso. Então, quando eu entro numa sala e eu estou a olhar pessoas nos olhos e quando eu falo, eu falo com confiança. Vocês meninas jovens não sabem isto, mas vamos dizer que vos estão indo para um bar. Se tu és uma mulher e você esta indo rapidamente e olhar em frente e não estão a fazer contato dos olhos. Vocês não parece uma vítima, então você menos provável tornou-se uma vítima. Basicamente, se quando os homens olham para me, se eles não estão confortáveis em namoriscar comigo… eu não me comporto assim á volta deles. Com os jogadores, eu estou muito direito e tudo sobre negócios. Eu só teve um problema em dez anos que eu posso recordar… ter um problema real além de alguém dizer algo ou assim e tipicamente se mesmo se alguém disse alguma coisa para me, é um jogador da outra equipa não os jogadores que trabalho com direitamente, porque eles tem demasiado respeito para me, porque eu apresento-me com confiança. Se alguém diz alguma coisa para me, eu respondo, “Não fala comigo assim.” Eu dou-lhe um limite imediatamente. Eu crio um limite.